

In memoriam

Nosso adeus a Milton Santos

(1926-24/06/2001)

Num dos seus últimos trabalhos, Milton Santos expressava as formas da crise brasileira atual: “a fragmentação do território e da sociedade, o enraizamento da socialização capitalista, a produção de um apartheid à brasileira, a marcha triunfante da desordem social, a substituição do objetivo civilizatório pelo impulso à selvageria e, como conseqüência previsível de tudo isso, a perspectiva de um genocídio também à brasileira”.

(Emir Sader, Um dos maiores intelectuais brasileiros, in O Globo, 25/06/2001)

Trajetória notável, a cada momento impondo-nos perguntas ou nos dando inusitadas respostas, traça-nos a vida de Milton Santos, geógrafo brasileiro de projeção internacional.

Em primeiro lugar, distingue-o a baianidade, o que nos leva a terras onde a experiência Brasil começou, ponto de parada de povos em diáspora, especificamente a Macaúbas, na Chapada Diamantina. Homem negro, quando nasceu, em 1926, o Brasil poderia ter festejado os 38 anos da libertação dos escravos, se a tanto trabalho se dessem as elites no poder, então às voltas com a ‘política café com leite’. Em seus primeiros anos de vida, era tão recente o fim dessa forma de exploração do trabalho, que talvez os pais de Milton Santos tivessem visto e conhecido muitas senzalas ainda ativas naqueles sertões da Bahia.

Distingue Milton Santos um início de vida marcado pela pobreza material, nele então retraída, dignificada ante a força do



impulso pelo conhecimento, pela iluminação intelectual. É com sacrifícios que os pais lhe proporcionam uma educação de escol.

Em 1944, quando entra na Faculdade de Direito da Bahia, está ao corrente das fervilhantes idéias e eventos políticos, econômicos e sociais de seu tempo. Com a Revolução de 30, o Estado-nação brasileiro nascia sob ameaças e compromissos: – a intocabilidade do latifúndio, do sistema de castas ou de estratificação étnica e social. A defesa desse Estado-nação, cujo desenvolvimento econômico e social, implicando transformações, poderia nos redimir a todos, iria consumir as energias físicas e intelectuais e dar sentido à vida do nosso emérito professor de geografia.

Distingue Milton Santos uma visão de mundo haurida nos axiomas e postulados de base do humanismo: a igualdade essencial dos seres humanos, a perfectibilidade do homem, a vida social com potencialidades à perfeição. Nos anos 40 e 50, esse legado filosófico era desafiado por sua antítese nazi-fascista, pelas repercussões das revoluções pós-outubro de 1917, pelas urgências transformadoras da Era Atômica às portas de um mundo em guerra.

Distingue Milton Santos o preço pago pela procurada e conquistada largueza intelectual. Em 1964 é preso e parte em exílio para a França e para o mundo. Findo o périplo, volta à pátria laureado, admirado, legitimado pelas várias honrarias acadêmicas internacionais que seu mérito conquistou. Aqui, até mesmo por causa da democracia racial, essa legitimação seria impossível.

Distingue Milton Santos, ainda, a leitura que fazemos de sua trajetória apolínea ou, segundo a tradição nagô-iorubana, calcada nas lendas de Oxalá e Ogun, uma denúncia contra o ambiente apático, insensível e hipócrita, produto de uma pretensa democracia racial afeiçoada a um pré ou proto-apartheid, cujas algemas há quinhentos anos tem imobilizado a população brasileira negra nos espaços dos morros, das favelas, dos mocambos, dos Carandirus, do futebol e do samba, esses como folclore justificador da exclusão.

Por fim, distingue Milton Santos o amor ao Brasil e a seu povo, cujas sendas nesse futuro incerto o farol de seu saber estará iluminando.

O reconhecimento e respeito do CEBELA e de C&p.